

# Maria, “aquela que recebe” – a criatura mais perfeita e a resposta por excelência das criaturas a Deus

## Resumo

*Este artigo mostra que a reflexão sobre Maria como criatura pode levar a um conhecimento mais profundo da sua verdadeira grandeza.*

*Em primeiro lugar, examina a essência da criatura: a criatura é “tudo para receber”, enquanto Deus, o Criador, é “tudo para dar”. Por isso, o ser criado que mais perfeitamente realiza a sua essência de criatura é aquele no qual a receptividade – abertura ao dom divino ou potência receptiva – é maior. Esta criatura é Maria, a criatura mais perfeita, sendo a criatura mais amada de Deus, a mais humilde e a mais pura. “Mais pura” significa que ela é e vive perfeitamente, mais perfeitamente do que todas as outras criaturas, o que significa “ser criatura”; é totalmente e até as últimas consequências “criatura”.*

*Por isso, ela pode ser definida como “aquela que recebe”. A caracterização da santíssima Virgem como “cheia de graça” (como um nome próprio) tem por fundamento a sua característica como “aquela que recebe” (de Deus). Ela vive, sofre, doa, age neste estado de receber. Deste modo, ela é a “imaculada conceição”, não somente no sentido de ser o fruto imaculado de uma conceição, mas no sentido de “aquela que concebe (= recebe) imaculadamente”, um receber perfeito. Assim ela recebe o Espírito Santo, é Seu sacrário, e assim concebe o Filho de Deus, recebe-O como seu Filho. Com esta concepção, a criatura é enobrecida, exaltada em sua essência de criatura, como mais não seria possível. Com efeito, o que é essencial para a criatura, a saber: receber de Deus e assim ser fecunda, se realiza em Maria da maneira mais perfeita. Deste modo é bem compreensível que a criatura mais perfeita é uma mulher. Igualmente assim se compreende todo o alcance da resposta da Virgem Maria em Nazaré: “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. Esta é a resposta da criatura mais perfeita a Deus,*

*a resposta por excelência que sobe do universo das criaturas a Deus, em nome de todas as criaturas. Ela é verdadeiramente a criatura por excelência.*

### **Summary**

*This article shows that reflecting on Mary as creature can lead to a deeper understanding of her true greatness.*

*In the first place, it examines the essence of being a creature: a creature is “completely receptive”, while God, the Creator is “completely giving”. For this reason, a created being that realizes most perfectly its essence as creature is the one in which receptivity – the openness to the divine gift or the receptive capacity – is greatest. This creature is Mary, the most perfect creature, being the creature most loved by God, the humblest and purest. “Purest” means that she is and lives perfectly, more perfectly than all other creatures, what it means to “be creature”: completely and until the ultimate consequences “creature”.*

*For this reason, she can be defined as “she who receives”. The characteristic of the most holy Virgin as “full of grace” (as a proper name) has as a foundation her characteristic of being “the one who receives” (from God). She lives, suffers, gives, acts in this state of receiving. In this way she is the “immaculate conception”, not only in the sense of being the immaculate fruit of a conception, but in the sense of “the one who conceives (=receives) immaculately”, a perfect reception. In this way she receives the Holy Spirit, she is His Tabernacle, and in this way, she conceives the Son of God, she receives Him as her Son. With this conception, the creature is ennobled, exalted in her essence as creature, in a way that cannot be surpassed. In effect, that which is essential for a creature, meaning: to receive from God and to be fruitful, is realized in Mary in the most perfect way. In this way it is very understandable that the most perfect creature is a woman. Also it is in this way that one understands the full reach of the response of the Virgin Mary in Nazareth: “Behold the handmaid of the Lord! Let it be done in me according to your word”. This is the response of the most perfect creature to God, the quintessential response that rises from the universe of creatures to God, in the name of all creatures. She is truly the creature par excellence.*

Maria é uma criatura de Deus. Esta é uma afirmação evidente<sup>1</sup> e parece que não diz nada de especial. É evidente que ela não é Deus; é uma criatura de Deus, como todos nós somos criaturas. Por que, então, refletir sobre Maria como *criatura*? A resposta é que esta reflexão nos pode levar a um *conhecimento mais profundo da verdadeira grandeza de Maria*.

## I. A essência da criatura – realizada mais ou menos perfeitamente

O que é uma “criatura”? O que é essencial para ela? O que faz com que ela seja uma criatura? O que, portanto, a distingue, como criatura, do Criador?

Deus, o Criador, é a *origem* de outros seres, que são as criaturas. Como tal origem, o Criador é quem *dá*, não aquele que recebe. Ele é a plenitude infinita de tudo que é bom; é a bondade mesma, fonte de todo bem. A criatura, ao invés, é quem *recebe*. Esta é sua característica essencial, como criatura. Deus é quem *é tudo*, possui *tudo* e, por isso, é quem tem tudo para *dar*, enquanto a criatura é quem *não é nada por si mesma* e, por isso, é quem deve *receber* tudo. Esta é a diferença e a relação entre Deus, o Criador, e a criatura enquanto criatura.<sup>2</sup>

Qual é, então, o ser criado que mais perfeitamente realiza a essência de criatura? É aquele no qual a *receptividade* – a abertura ao dom divino ou a potência receptiva – é maior.

Obviamente, o conceito de criação “do nada” implica que o divino ato criador não pressupõe tal potência receptiva na criatura. No momento em que Deus a cria, ela não existe já, de alguma maneira, com sua receptividade. Simplesmente *não* existe, e pelo ato criador divino começa a existir. Mas esta sua existência, ou seja, o fato de existir, é o *dom fundamental* que recebeu de Deus: ela não fez nada para existir, nem mesmo acolheu o dom divino, mas simplesmente começou a existir pela ação de Deus. Por isso, a própria existência como tal é dom de Deus sem ser um dom

---

<sup>1</sup> Não é evidente somente para quem não reconhece Deus como Criador.

<sup>2</sup> O exegeta Franz Mußner escreveu no seu comentário a Tg 1,2-18 (especialmente o versículo 17: “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito descem do alto, do Pai das luzes”): “Deus não é somente ... doador de boas dádivas (v. 17). ... A este círculo de ideias, porém, pertence também a ideia de que o homem é alguém que recebe (cf. λαμβάνειν nos vv. 7 e 12) e é por natureza um ser carente” (F. MUSSNER, *Der Jakobusbrief* (HThKNT XIII, 1), Freiburg <sup>3</sup>1975, 63).

acolhido. Ora, este dom fundamental é igual para todas as criaturas; todas são igualmente criadas “do nada”. Não há, neste aspecto, um mais ou um menos.

No entanto, ninguém há de negar que nas diversas criaturas possa haver uma receptividade, própria das criaturas como tais, em *grau maior ou menor*. Tal receptividade, por sua vez, também é dom de Deus Criador. Vale, de fato, o que acima já afirmamos: a criatura não é nada por si mesma; tudo de bom que ela é ou tem, ela o é ou tem *por Deus*; tudo é *dom* de Deus.

Refletindo sobre esta receptividade, podemos reconhecer que o grau mais ou menos perfeito de receptividade pode depender da própria *natureza* das diversas criaturas. Sem dúvida, as criaturas que são *pessoas* são mais receptivas ao dom divino do que as criaturas meramente materiais, como são os animais ou as plantas. Às pessoas, com efeito, Deus Se pode doar de um modo como não é possível quando a natureza da criatura não é racional ou intelectual. Portanto, a receptividade da pessoa humana com relação a Deus é bem maior – um salto qualitativo! – do que a receptividade do animal e de todas as outras criaturas que não são pessoas. O que faz a diferença é o fato de que a criatura que é pessoa não é somente material, mas também ou somente *espiritual*. Deste modo, é “capaz de Deus”, isto é, é capaz de receber em si Deus de tal modo que exista uma verdadeira união ou comunhão interpessoal com Ele.<sup>3</sup>

Quem são estas criaturas que mais perfeitamente realizam a essência da criatura? Há *dois* tipos de criaturas que são pessoas: os Anjos e os homens, ou seja, as pessoas que são puramente espirituais e as pessoas que são uma união substancial de alma espiritual e corpo material. Sendo assim, surge imediatamente a seguinte pergunta: se os Anjos são puros espíritos, eles têm, por natureza, um grau de receptividade maior do que os homens?

Embora a natureza dos Anjos, puros espíritos, seja, como tal, mais perfeita do que a dos homens, que são a união de espírito e matéria<sup>4</sup>, não

---

<sup>3</sup> O Concílio Vaticano II ensinou a este respeito o seguinte: “O aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus. Este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana. Pois se o homem existe, é porque Deus o criou por amor e, por amor, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu Criador” (*Gaudium et spes*, 19).

<sup>4</sup> Evidentemente, o espírito é uma realidade mais perfeita do que a matéria.

deixa de ser verdade que o homem, enquanto tem uma *alma espiritual*, não tem, por sua natureza, uma receptividade menor do que a dos Anjos. É a alma espiritual que faz o homem ser pessoa, e por esta alma espiritual ele é “capaz de Deus”.

Na verdade, se somente a *natureza como tal* for levada em consideração, vale o seguinte: o Anjo é mais capaz de Deus do que o homem, bem como os Anjos mais perfeitos são mais capazes de Deus do que Anjos de uma perfeição natural menor. Quando, porém, falamos de uma receptividade mais ou menos perfeita, necessariamente não falamos apenas de uma qualidade natural, isto é, de uma propriedade da natureza como tal. Falamos também e, sobretudo, de uma qualidade *sobrenatural* da criatura. Isto fica claro quando reconhecemos que o dom que Deus faz de Si mesmo à pessoa criada (Anjo ou homem) para uma comunhão consigo que é participação da própria comunhão divina trinitária, este dom não se realiza senão através de uma “divinização”, ou seja, de um aperfeiçoamento sobrenatural do espírito criado. É a assim chamada “participação da natureza divina” (cf. *2 Pd* 1,4) ou “graça santificante”. Ora, esta divinização é *obra de Deus*, e se Ele quiser, pode divinizar mais a alma espiritual de uma pessoa humana do que o espírito puro de um Anjo.

Além disso, a comunhão com Deus na base dessa divinização do espírito criado requer não somente a ação de Deus, mas também aquela da pessoa criada. Se a passagem da não-existência à existência não requer nenhuma ação nem receptividade por parte da criatura, e se, como igualmente é verdade, a continuação dessa existência depende somente de Deus, que continuamente mantém a criatura na existência, sem alguma cooperação por parte da criatura, sem, portanto, depender da livre vontade da criatura, a manutenção da comunhão com Deus e seu crescimento dependem não somente de Deus, mas também da criatura. Por conseguinte, o grau maior ou menor de perfeição da comunhão da pessoa criada com Deus Uno e Trino depende, em primeiro lugar e sobretudo, de Deus, mas também da abertura da criatura à ação de Deus e da sua colaboração com a mesma.

## II. Maria, a criatura mais perfeita

A santíssima Virgem Maria é uma criatura, mas não simplesmente uma entre muitas. Ela é a criatura *por excelência*, a receptora por excelência do dom divino; é a criatura *mais perfeita*.

Em que sentido ela é a criatura mais perfeita? Como já vimos, não é propriamente por ser uma pessoa *humana*. A natureza humana, compondo-se de alma espiritual e corpo material, não é, como tal, superior à natureza puramente espiritual dos Anjos, mas inferior a esta. Daí se conclui: se Maria é a criatura mais perfeita, ela não o é devido a dons *naturais* (dons que são próprios da natureza humana como tal), mas por causa de dons *sobrenaturais*. Ela é, portanto, a criatura que recebeu a divinizante graça divina de um modo ou numa medida que *ultrapassa* aquela de todas as outras criaturas. Ora, isto significa que ela é a criatura *mais amada* por Deus.

### **1. Maria – a criatura mais amada de Deus**

O que significa a afirmação que Deus ama uma criatura mais do que outra ou mais do que todas as outras? Deus ama *todas* as criaturas com um único, eterno ato de amor infinito. Por conseguinte, a diferença não pode estar na *intensidade* do amor. Deus ama todas as criaturas com a mesma perfeição, isto é, com a perfeição totalmente ilimitada do Seu amor. Se, portanto, Deus ama uma criatura mais do que outra, em que coisa pode consistir este “mais”? Só pode consistir no fato que Deus dá a esta criatura *mais dons* ou dons *maiores*; só pode estar no fato de que Deus *Se doa* a esta criatura de um *modo mais perfeito*. Ora, em Maria reconhecemos o *ápice* do dom que *Deus fez de Si mesmo* a uma pessoa criada. Ela é, por conseguinte, a criatura *mais amada* de Deus Uno e Trino.

Deste modo, voltamos à nossa reflexão sobre a essência da criatura. Deus é o amor, o amor infinito. Ele é, portanto, *Aquele que ama*; é – não somente *tem* – um ato eterno e infinito de amor, e isto quer dizer que Ele é *Aquele que dá*, que *Se doa*, que *Se comunica*. Eis a característica própria de Deus como *Criador*. A criatura pode *acolher* o dom divino e também *responder* a este dom – pode, por assim dizer, refleti-lo –; mas formalmente, isto é, segundo o aspecto determinante, Deus é quem *dá* e a criatura é quem *recebe*.

Na base da reflexão sobre a essência da criatura, podemos agora também dizer que Maria é a criatura *mais pura* de Deus.

### **2. Maria – a criatura mais pura**

O que significa esta afirmação: Maria é a criatura “mais pura”? Não é a mesma coisa como dizer que ela é a *mulher* mais pura ou a *pessoa humana* mais pura. Dizendo que ela é a pessoa humana mais pura, dizemos

que ela é absolutamente sem qualquer pecado, isenta de toda e qualquer mancha moral e, mais ainda, que ela foi *preservada* – não purificada – de toda mancha. Ela é a pessoa humana totalmente pura, imaculada desde o primeiro instante da sua existência e sempre. É o que se pode dizer unicamente dela.

A nossa afirmação, porém, não é somente que ela é a pessoa humana mais pura, mas a *criatura* mais pura. Perguntamos, portanto: o que significa ser a *criatura mais pura*? Também os Santos *Anjos* são criaturas e são totalmente puros, sem qualquer mancha de pecado. Além disso, são puros também segundo a sua natureza, quer dizer que são “espíritos puros”. Neste caso, “pureza” significa a ausência de mistura: o Anjo é espírito, *somente* espírito, *puramente* espírito; é espírito *puro*. Maria não é espírito puro, mas um *ser humano*, que se compõe de alma espiritual e corpo material. Apesar disso, ela é a *criatura mais pura*.

Isto não significa que ela é a *criatura mais perfeitamente sem pecado*. Ou alguém é sem pecado ou não o é. Quanto ao ser sem pecado, não existe uma gradação. No que diz respeito ao ser sem pecado, entre Maria e os Santos Anjos existe uma só diferença: para que ela fosse sem pecado foi necessária uma intervenção muito especial de Deus, uma *graça totalmente particular* e, precisamente, uma graça (dom gratuito) do amor *misericioso* de Deus. Ora, o amor misericordioso de Deus para com Suas criaturas é a maior manifestação do amor de Deus a elas.<sup>5</sup> A pureza de Maria é, por conseguinte, o fruto da *maior manifestação do amor* de Deus às criaturas.

Com esta afirmação chegamos de novo à caracterização de Maria como a *criatura mais amada* de Deus, a criatura que Ele ama mais do que todas as outras. Mas a nossa pergunta é esta: o que significa que Maria é a *criatura mais pura*?

Aquilo que vimos até agora nos mostrou que a “pureza”, neste caso, não significa ser sem pecado, mas ser *totalmente aquilo que se é* ou que se *deve ser*. Os Anjos são espíritos puros porque o Anjo é espírito, e o é *totalmente*; ele é *simplesmente* espírito, é simplesmente aquilo que significa ser *espírito*, sem mistura com o que não é espírito.

Isto vale para Maria como criatura: ela é a *criatura pura*, até mesmo a *criatura puríssima*, a *mais pura*, pois é *totalmente* criatura; é totalmente e até às últimas consequências o que significa ser criatura. Ela *é e vive*

---

<sup>5</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* II-II, q. 30, a. 4.

*perfeitamente* o que significa “*ser criatura*”; ela é criatura de um *modo mais perfeito* do que o são todas as outras criaturas. É o que queremos mostrar em seguida. Antes, porém, reflitamos ainda um pouco sobre Maria como a criatura mais humilde, ou seja: a criatura mais pura e, por isso, mais humilde.

### **3. Maria – a criatura mais humilde**

Já vimos que a criatura é “nada” por si mesma, pois tudo deve receber de Deus. O Catecismo da Igreja Católica usa a expressão “o nada da criatura”: “Adorar a Deus é, no respeito e na submissão absoluta, reconhecer «o nada da criatura», que não existe a não ser por Deus” (CIC, n. 2097). É claro que a criatura é alguma coisa existente; não é absolutamente nada, mas é nada *por si mesma*. Deus, o Criador, como Aquele que é e tem *tudo*, Ele é quem *doa*; Ele é propriamente a *bondade*. É por isso que a *qualidade específica* da criatura como tal é a *abertura para receber* e a virtude específica da criatura como tal parece-me que seja propriamente a *humildade*. Esta é essencialmente uma virtude relacionada com Deus, no sentido de que a criatura, se é humilde, reconhece com gratidão que todo o bem que é e possui e pode realizar *vem de Deus*, não de si mesma; nada pode por si mesma, como se não viesse de Deus. Tudo é dom de Deus.

Daí se conclui o seguinte: quanto mais perfeita a criatura for, quer dizer, quanto mais ela recebeu de Deus, quanto mais deve a Deus, tanto mais profunda será sua *humildade*, seu reconhecimento da dependência total de Deus, seu dizer “sim” à sua condição de ser alguém que *recebe*. O soberbo atribui a *si mesmo* o que recebeu de *Deus*. É conhecida a palavra do Apóstolo Paulo: “Que tens que não tenhas recebido? Mas, se recebeste tudo que tens, por que, então, te glorias, como se não o tivesses recebido?” (1 Cor 4,7). O humilde atribui tudo a Deus, como Maria no *Magnificat*: “Ele olhou para a humildade de Sua serva. ... porque o Poderoso fez para mim coisas grandiosas” (Lc 1,48-49). Consequentemente, ela é a criatura *mais humilde*, pois é aquela que *mais* recebeu de Deus e deve *reconhecer* este fato de ter recebido mais do que outros, de dever mais a Deus. É claro que a grandeza dos dons recebidos de Deus também pode ser o motivo de orgulho. Mas, quando a pessoa mais agraciada for *humilde*, ela é consequentemente a *mais* humilde de todas.

### **4. Maria – a criatura mais bela**

Por tudo que vimos até agora, quase não precisava mais dizer expressamente que Maria é também a criatura mais perfeita no sentido de ser a



*mais bela*. Na verdade, quanto mais a criatura estiver próxima de Deus, tanto mais harmoniosa e bela ela será. Como a criatura mais próxima de Deus, mais unida a Ele, Maria é a criatura mais bela. Portanto, entre todas as criaturas, ela reflete da maneira mais clara e forte a beleza de Deus. Ela é a beleza acabada de todo o universo criado, de Anjos, homens e criação material. Deus quer a beleza das Suas criaturas, e o primeiro ou principal objeto desta Sua vontade é Maria. Deste modo, a vontade divina que quer Maria é a vontade que quer a beleza de toda a criação. Podemos dizê-lo com a seguinte afirmação: sendo Maria a *criatura bela por excelência*, a beleza das outras pessoas humanas e da criação material e, inclusive, dos santos Anjos é querida por Deus em vista de Maria.

Se Maria reflete da maneira mais clara e forte a beleza de Deus, ela o faz particularmente e exatamente por refletir o *amor* de Deus. Sabemos que a criatura que mais *ama* é a mais próxima de Deus, a mais unida a Ele. Maria acolhe perfeitamente o amor singular de Deus a ela e responde perfeitamente a este amor divino com seu amor humano divinizado (virtude teologal do amor). Assim, ela pode ser a resposta de amor de toda a criação a Deus; ela pode dar a Deus a resposta de amor em nome de todas as criaturas. Mais adiante refletiremos ainda sobre este aspecto do mistério da pessoa e missão de Maria.

### III. Maria, “aquela que recebe”

A nossa afirmação é que Maria *é e vive do modo mais perfeito o que significa “ser criatura”*. Já vimos que ser criatura significa ser algo ou alguém que tem uma relação de *origem* a Deus como Criador. De fato, quando penso o conceito “criatura”, penso ao mesmo tempo o conceito “criador”, isto é, a origem da criatura, pois sem criador não existe criatura, como sem pai ou mãe não existe filho.

O que a criatura deve a Deus? *Tudo*:

1. o ser, a sua própria *existência*;
2. o existir deste determinado *modo* (uma determinada *essência* ou natureza, o ser isto e não outra coisa);
3. todo o *agir* em conformidade com as potências ativas que correspondem à sua natureza.

Tudo isso *provém de Deus*.

Consequentemente, a criatura é, como criatura, “aquele (aquilo) que recebe”, enquanto Deus é “Aquele que tem tudo para dar”. A criatura tem, portanto, como sua qualidade fundamental e específica, o “receber de Deus”. Esta é a característica própria da criatura, enquanto, como já vimos, a característica própria de Deus como Criador é a da bondade que doa.

Ora, Maria é a criatura mais perfeita, porque ela pode ser caracterizada – como se fosse um nome próprio, indicando a sua essência específica – como “Aquele que recebe”. Certamente é mais conhecida a caracterização específica de Maria como “cheia de graça”. Por exemplo, o Papa João Paulo II escreveu:

O mensageiro ... saúda Maria como “cheia de graça”; e chama-lhe assim, como se este fosse o seu verdadeiro nome. Não chama a sua interlocutora com o nome que lhe é próprio segundo o registro terreno: “Miryam” (= Maria); mas sim *com este nome novo*: “cheia de graça”.<sup>6</sup>

Mas, o que significa “cheia de graça”? Significa que ela é caracterizada como aquela em quem está a plenitude da graça, isto é, dos dons gratuitos pelos quais Deus Se doa às pessoas criadas. Ser “cheia de graça” pressupõe ser “aquela que recebe”, aquela que recebe o dom de Deus em sua totalidade (não parcialmente) tanto quanto possível. O nome “cheia de graça” pressupõe uma *abertura perfeita* ao dom divino, uma *receptividade singular, única*; e se “cheia de graça” é como um nome próprio, indica algo que caracteriza a pessoa em sua singularidade. Isto vale também para a expressão “aquela que recebe”. É “cheia de graça”, porque é “aquela que recebe” de Deus.

Maria é *sempre* a cheia de graça, porque é *continuamente* aquela que recebe. De fato, não se deve pensar a comunicação do dom divino a ela (ou a qualquer pessoa) como se fosse uma ação divina transitória ou, por parte da criatura, um receber momentâneo. Não é momentâneo, isto é, não vale: recebeu, agora tem; acabou-se o receber. O receber, na verdade, continua. É uma ideia errada imaginar os dons duradouros de Deus nas criaturas como se se tratasse de alguma coisa subsistente dada por Deus à criatura, como quando se derrama água num recipiente. Se fosse assim, valeria o seguinte: uma vez dada, está dada. Mas não é assim. O próprio dom fundamental de Deus, que é o da existência da criatura, não é um dom uma vez realizado (a criatura começa a existir) e daí acabou-

---

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II, *Encíclica “Redemptoris Mater”*, n. 8.

-se toda a recepção (quanto ao existir). A criatura recebe continuamente a ação divina que a mantém na existência. Isto vale igualmente para os dons sobrenaturais (graça santificante, etc.), de modo que se pode falar – usando uma imagem apropriada – de uma “torrente” contínua ou de torrentes contínuas da graça.<sup>7</sup>

Sendo assim, Maria é *sempre, continuamente* “Aquela que recebe”; é sempre a criatura mais perfeita, mais pura: aquela que está num permanente *estado perfeito de receber*. Sim, sempre – em uma atualidade permanente – ela é “Aquela que recebe”, até mesmo na ação de conservar e transmitir. Ela não é somente alguém que recebe, mas é *por excelência* aquela que recebe. Ela recebe *em nome de todos os outros* e assim pode ser também a *medianeira*. O receber o que provém de Deus, esta é a sua tarefa *mais essencial e suprema*.

Lembremo-nos: Maria é criatura, e para a criatura o *receber* é essencial, é o que pertence à sua essência de criatura. Maria, porém, não é simplesmente uma criatura entre outras; ela é *a criatura por excelência* entre todas as criaturas. Ela é diante de Deus a criatura mais perfeita, a criatura por excelência que *acima de todas* as criaturas e *para todas elas recebe de Deus*. Este “receber” não é somente um traço característico dela, mas também uma *missão* que tem a favor das outras criaturas. É, como dissemos, a sua *tarefa mais essencial e suprema*; até mesmo se pode dizer que é sua *tarefa mais exclusiva*, na qual *todas as outras estão contidas*. “Exclusivo”, no sentido de que todas as outras tarefas estão contidas nesta. Cumprindo esta, cumpre todas; somente cumprindo esta, pode cumprir todas as outras. Receber de Deus é a *primeira* coisa, aquilo que é *fundamental*, é a realidade da qual provém todas as outras coisas ou a partir da qual todas as outras coisas se tornam possíveis. A existência de Maria é um contínuo receber; ela é *sempre e totalmente* pronta a receber, totalmente aberta a tudo o que vem de Deus. Ela *vive, sofre, doa, age* neste estado de *receber*. Ela é, portanto, *plenamente e perfeitamente criatura*, até as últimas conseqüências.

A criatura é *pequena*, Deus é grande. Maria conhece e reconhece (aceita) a grandeza de Deus e a sua pequenez: “Minha alma *engrandece* o Senhor (= exalta a grandeza do Senhor) ... porque olhou para a *humildade da Sua serva*” (Lc 1,46.48). Ela não se vê como *senhora*, mas como simples

---

<sup>7</sup> Cf. N. THANNER, *La grazia, mistero dell'autocomunicazione di Dio uno e trino alle persone create*, in: *Sapientia Crucis* 13 (2012) 45-91, esp. 74-82.

e pequena “*serva*”. Quem é o maior no Reino dos Céus? Jesus disse: “Aquele que se fizer pequeno como este menino será o maior no Reino dos Céus” (Mt 18,4). Maria é a criatura mais perfeita, é perfeitamente criatura – totalmente aquela que *recebe*, como uma pequena criança –, é, portanto, *pequeníssima*, e assim ela é *a maior* no Reino de Deus.

#### IV. Maria, a “Imaculada Conceição”

Agora podemos dar um novo passo na nossa reflexão, pois esta reflexão pode levar-nos à seguinte conclusão:

Sendo Maria a pessoa criada que, por excelência, é aquela que *recebe*, ela é a *imaculada conceição*, a imaculada conceição por excelência, numa perfeição singular.

Esta afirmação pode surpreender ou parecer estranha, à primeira vista. O que significa isso?

“Conceição” designa o *ato* ou o *efeito* de conceber. Vejamos Maria como *efeito* de um conceber. Conhecemos o dogma da “imaculada conceição” da santíssima Virgem Maria. Este dogma diz que ela *foi concebida* imaculada, isto é, sem o pecado original ou, em outras palavras, já com a presença santificante do Espírito Santo nela. Em Lourdes, porém, ela manifestou sua identidade a santa Bernadete não dizendo: “Eu sou aquela que foi concebida imaculada”, mas dizendo: “Eu sou a Imaculada Conceição”<sup>8</sup>. Parece que com estas palavras ela quis especialmente referir-se ao dogma da sua imaculada conceição, proclamado solenemente quatro anos antes (1854). Em todo caso, aqui esta autodesignação de Maria significa que ela é o efeito, o *fruto imaculado* de uma conceição. Santa Ana a concebe como um ser humano totalmente puro, sem a mancha do pecado original. Assim como Maria é, desde o primeiro instante da sua existência, ela *provém de Deus*. Nela, *tudo* provém de Deus. Este não é o caso das outras pessoas humanas. Elas não começam a existir de tal modo que tudo nelas provém somente de Deus. O pecado original, quer dizer, a privação da graça santificante, não provém de Deus, mas do pecado de Adão e Eva. Nem tudo, portanto, que há nas outras pessoas humanas, é de origem divina. Existe a privação do dom divino, que é a presença san-

---

<sup>8</sup> São Maximiliano Maria Kolbe meditou muito sobre esta palavra de Nossa Senhora em Lourdes. Ele via nisso a expressão de uma *relação muito íntima e especial de Maria com o Espírito Santo* (cf. E. M. PIACENTINI, *Maria no pensamento de São Maximiliano Kolbe*, São Paulo, 1987, esp. 11-12.18-23).

tificante do Espírito Santo, e esta privação é de origem humana. Maria, ao invés, poderia dizer: *Tudo* o que sou *provém de Deus*; como sou, procedi de Deus; *tudo* em mim é *puro dom de Deus*; não há nada em mim que não seja dom de Deus, que não provenha de Deus. Ora, aquela que deste modo provém inteiramente de Deus é também o fruto de uma concepção. Este não foi o caso de Adão e Eva. Daí a singularidade absoluta de Maria: ela, e somente ela, é a “imaculada concepção” no sentido de ser o fruto imaculado de uma concepção.

Sendo a “imaculada concepção” no sentido de “a *concebida* imaculada”, Maria é também “a imaculada concepção” no sentido de “aquela que *concebe* imaculadamente” (concepção como *ato* de conceber). Aqui não pensamos já, nem somente, em “conceber” no sentido de “conceber um filho”, isto é, um conceber que lhe é próprio como mulher. “Conceber” é, na verdade, um modo de *receber*.<sup>9</sup> Maria é, portanto, imaculada em seu *ser* e também o seu *receber* (*conceber*) é imaculado, quer dizer: em seu receber não há nenhuma *desordem*, *falta de abertura*, nem a mínima *resistência*; nela não há absolutamente impedimento algum, nada que possa, de alguma maneira, impedir a acolhida do dom de Deus; e ela recebe *unicamente* o que vem de *Deus*. Ela é aquela prontidão para receber que está orientada somente para *Deus*; ela está disposta a receber somente o que é *bom*. Podemos também dizer o seguinte: em Maria não há nada de (uma falsa) *riqueza* que pudesse *diminuir* a sua disponibilidade receptiva. Maria é *pobre*; ela vive e aceita plenamente a *pobreza de criatura* diante de Deus; é a pobreza que é própria da criatura, faz parte da sua essência de criatura. Deste modo, Maria é também totalmente *simples*, totalmente *criança* no sentido do Evangelho (veja acima). Desta sua simplicidade provém a sua verdadeira grandeza.

Maria é aquela que concebe-recebe imaculadamente. Também neste sentido ela é a “Imaculada Concepção”. Com isto se quer dizer que ela não é *qualquer* mulher que concebe ou qualquer criatura que recebe, nem alguma que *às vezes* recebe, mas é *essencialmente e constantemente* “aquela que recebe”; significa, portanto, que o “receber imaculadamente” exprime a sua *essência*, de modo que, em certo sentido, se pode atribuir a ela o conceito “concepção”. Certamente, o conceito “concepção” não designa, como tal, um ser concreto, uma pessoa, mas um *ato*. Se dissemos

---

<sup>9</sup> É interessante que na língua alemã “conceber” e “receber” não são duas palavras diferentes. Ambas as coisas se designam com a mesma palavra: “empfangen”, isto é, “receber”.

que Maria é a imaculada conceição por excelência, isto quer dizer que Maria é totalmente *ato de receber (conceber)*. Este modo de se exprimir é semelhante ao dizer que uma pessoa totalmente caracterizada pela bondade, sempre e extremamente benévola, bondosa, é “a bondade” ou: “é toda bondade”. Assim dizemos, portanto, que Maria é a “imaculada conceição”.

Agora perguntamos: *o que* Maria recebe (concebe)? Recebe o *Espírito Santo*, e n’Ele recebe o *Filho* e o *Pai* (que enviam o Espírito Santo). Ela já começa a existir com o dom do Espírito Santo nela, isto é, com aquela transformação sobrenatural, divinizante da sua alma com a qual o Deus Uno e Trino Se doa a ela – e Se doa já com tal *plenitude* como nenhuma outra pessoa criada (Anjo ou homem) a tinha desde o início da sua existência. Verdadeiramente, depois de Jesus Cristo (o “Ungido” por excelência do Espírito Santo), Maria é o *ponto culminante* da missão do Espírito Santo, isto é, da presença atuante do Espírito Santo em uma criatura. Aqui temos o *receber constante, ininterrupto* desde o início da sua existência, e esta torrente de graça que se derramou nela, este constante doar-Se de Deus a ela, continuamente cresceu durante a sua vida neste mundo. Assim, ela é, em todo o universo das criaturas, *por excelência, o santuário do Espírito Santo*. Quando a chamamos “Esposa do Espírito Santo”, a palavra “esposa” quer exprimir a sua íntima união com o Espírito Santo; união que é caracterizada pelo amor, realizada no amor; união que é caracterizada pela abertura receptiva ao Espírito Santo.

Ora, deste modo, Maria é preparada para uma *concepção singular*: a Virgem puríssima, a “cheia de graça”, em quem o Espírito Santo estabeleceu perfeitamente a Sua morada, aquela que realiza do modo mais perfeito a essência da criatura diante de Deus, a pessoa criada, portanto, que é por excelência “aquela que recebe”, ela recebe então Deus de um *modo totalmente novo*: recebe o Filho de Deus, o Filho do Pai eterno, como *seu* Filho; ela O “*concebe*”.<sup>10</sup> Este receber, esta concepção virginal significa receber o *cume* e o *centro* de toda a autocomunicação de Deus Uno e Trino à criatura: a encarnação do Filho de Deus. O Filho de Deus Se doa a ela tornando-Se o *seu* Filho, o *fruto* do seu seio virginal.

Com esta concepção, a criatura é enobrecida, exaltada em sua essência de criatura, como mais não seria possível. Por isso, Maria aqui não repre-

---

<sup>10</sup> Podemos citar o Catecismo da Igreja Católica, que confirma o que foi exposto precedentemente: “Por pura graça, ela foi *concebida sem pecado* como a *mais humilde das criaturas, a mais capaz de acolher o Dom inefável* do Todo-Poderoso” (CIC, n. 722).

sentada somente toda a *humanidade*, mas *todas as criaturas*. Vimos que a criatura é aquela que *recebe* de Deus. A criatura deve, em primeiro lugar, *receber* de Deus, então ela mesma pode tornar-se ativa, pode produzir *fruto*. Todas as obras da criatura podem e devem, deste modo, tornar-se “fruto divino”: receber de Deus e assim tornar-se fecunda. Na criatura há primeiro o *receber* (passividade), depois o *agir* (atividade). Quanto mais perfeitamente ela *receber*, quanto mais ela for *aberta*, disposta a receber de Deus, tanto mais pode também *ativamente* operar.<sup>11</sup>

Ora, na criação visível há, dentro das diversas espécies de criaturas, uma *divisão em duas partes*; estas partes se complementam reciprocamente em vista de uma *fecundidade*. Na espécie humana é a diversidade sexual de *homem e mulher*. Quanto à fecundidade, é a mulher que nisso tem o papel *receptivo*. A mulher pode se tornar fecunda através da *ação* do homem. Maria é mulher. Mas, no mistério da encarnação do Filho de Deus, o papel ativo não é de um homem e, sim, de Deus mesmo: a Virgem imaculada se torna mãe sem ter sido tocada por um homem da terra. Como *virgem*, ela é a criatura aberta, com a totalidade do seu ser, à *ação de Deus*, não de um homem. Com muita razão, portanto, o Catecismo da Igreja Católica diz: “O sentido esponsal da vocação humana em relação a Deus (cf. 2 Cor 11,2) é realizado perfeitamente na maternidade virginal de Maria” (CIC, n. 505).

Neste mistério se manifesta de novo e com grande clareza que em Maria se realiza da *maneira mais perfeita* o *ser criatura*, isto é, como vimos: é essencial para a criatura o *receber* de Deus e *assim ser fecunda*. Maria é a criatura que recebe de Deus o *máximo dom* e O recebe da *maneira suprema*, e assim pode produzir como fruto do seu seio o Filho de Deus como homem: *o mais santo, o maior, o insuperável “fruto divino”* produzido por uma criatura.

O que aqui é especial, ou melhor, *singular* são duas coisas:

1. O fruto do seu seio não é uma criança que é uma pessoa *criada*, mas é *Deus mesmo*, o Deus *encarnado*, a segunda Pessoa divina como *homem*;

---

<sup>11</sup> A criatura deve verdadeiramente operar ativamente, também em relação a Deus. Existe uma diferença entre a entrada de Deus na criatura e entrada da criatura em Deus. Quando Deus entra, a criatura é passiva, numa atitude de expectativa, abrindo-se, recebendo. Quando, porém, a criatura é chamada a entrar no Senhor, deve querê-lo ativamente, deve aspirar à meta, deve apressar-se a entrar, não deve somente deixar-se puxar como numa linha de montagem.

2. Maria recebeu (concebeu) esta criança *diretamente* de Deus, não através da ação de um homem.

Este é o ápice absoluto do mistério de Maria, a santíssima Virgem, como “imaculada conceição”: a *Virgem Mãe de Deus*.

## V. A criatura mais perfeita: uma mulher

Se considerarmos tudo o que vimos até agora, já não nos admiraremos do fato que a criatura mais perfeita seja uma pessoa *humana*, não um Anjo, e que esta pessoa humana seja uma *mulher*, não um homem.

A pessoa criada mais perfeita é um *ser humano*, não um *Anjo*. Poder-se-á encontrar alguma razão para isso? Talvez seja a seguinte: o ser humano, tendo uma natureza inferior ao Anjo, está naturalmente mais disposto a receber, porque a *atitude receptiva* lhe é, de alguma maneira, mais *necessária*. Poderá, portanto, ser aquela razão que o Apóstolo Paulo indica na primeira carta aos Coríntios, falando da vocação divina dirigida aos simples e fracos:

Irmãos, reparai em vós mesmos, os chamados: não há entre vós muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem muitos de família nobre. Mas o que para o mundo é loucura, Deus o escolheu para envergonhar os sábios, e o que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar o que é forte. ... Assim, ninguém poderá gloriar-se diante de Deus. ... para que, como está escrito, “quem se gloria, glorie-se no Senhor”.  
(1 Cor 1,26-31)

A pessoa humana mais perfeita é uma *mulher*, não um homem. Por quê? Devemos levar em consideração a diferença entre o homem e a mulher. Esta diferença não consiste no fato de que um deles possua, como pessoa humana, uma perfeição ou dignidade maior. A diferença existe com relação à *fecundidade*; e também aqui a diferença não consiste no fato de ser *origem* de uma nova vida humana, pois ambos, homem e mulher, o são. A diferença consiste unicamente no *modo* como são essa origem. Como acima já observamos, a mulher tem, quanto ao modo de ser fecunda, um papel *receptivo*; ela pode tornar-se fecunda através da ação do homem. Eis a característica da *criatura* como característica da *mulher*. É evidente que tanto o homem como a mulher são criaturas, mas no aspecto sob o qual *se distinguem*, a mulher representa o *ser criatura*, o ser *aquela que recebe*, enquanto o homem representa o papel *ativo* de Deus. O homem *representa* aqui Deus, mas não *è* Deus, enquanto a mulher *é* o que ela re-



presenta. Trata-se, portanto, do simbolismo de homem e mulher, segundo o aspecto sob o qual *se diferenciam*.

Quando se considera seriamente este aspecto, esclarece-se também a razão por que o Filho de Deus não Se encarnou como *mulher*, mas como *homem*, e por que na Igreja Jesus Cristo em Sua relação com a Igreja, Esposa de Cristo, é representado por *homens*, não por *mulheres*.<sup>12</sup>

## VI. Maria, a resposta perfeita de todas as criaturas a Deus

Maria é, sempre e em primeiro lugar, aquela que recebe, e isto significa que ela é um “*sim*” *total e constante a Deus*, a tudo que vem d’Ele, a tudo o que Ele quer dela. Este “*sim*” a Deus e a tudo que lhe vem de Deus manifestou-se, de um modo muito claro e explícito, quando o Arcanjo São Gabriel lhe anunciou o maior dom que Deus lhe quis oferecer – um dom ao qual se relacionam todos os outros dons divinos para ela.

O evangelista Lucas nos fez conhecer esse “*sim*” da Virgem Maria em Nazaré: “*Maria disse: «Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra»*”. Esta é a resposta da criatura mais perfeita a Deus, respondendo ao Anjo como mensageiro de Deus. É a resposta perfeita, a *resposta por excelência* que sobe do universo das criaturas a Deus. É uma resposta de amor. O amor da santíssima Virgem Maria é a resposta ao amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a resposta *completa* de toda a criação a *tudo* o amor de Deus Uno e Trino. À força divina de amor responde em Maria a força suprema de amor de uma criatura. Maria é, assim, verdadeiramente a resposta por excelência da criação a Deus.

Talvez alguém pudesse objetar dizendo: A resposta por excelência de toda a criação a Deus é Cristo. A Carta aos Hebreus, de fato, diz:

Ao entrar no mundo, Cristo diz: Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não Te agradam. Então eu disse: “Eis que venho ..., ó Deus, para fazer a Tua vontade.” (*Hb 10,5-7*)

A Carta aos Hebreus se refere à *encarnação* do Filho de Deus. Ele, Deus mesmo, Deus Filho, Se faz homem e como tal Se apresenta diante de Deus Pai (“Eis me aqui”) e Lhe manifesta a Sua disposição de uma

---

<sup>12</sup> Cf. N. THANNER, *Cristo, o Esposo – a Igreja, a Esposa. Uma reflexão teológica sobre o “Grande mistério” para uma compreensão do lugar do homem e da mulher na Igreja*, em: *Sapientia Crucis* 16 (2015) 53-139.

perfeita *obediência* (“Eu venho para fazer a Tua vontade”). Aqui, a Carta aos Hebreus aplica a Cristo palavras do Salmo 40<sup>13</sup>.

É interessante examinar a semelhança entre estas palavras de *Cristo* e aquelas de *Maria* ao responder ao anúncio do Arcanjo São Gabriel.

Cristo: “Eis que venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade”.

Maria: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Quando consideramos tanto a *semelhança* como também a *diferença* entre estas palavras, podemos reconhecer que Maria é verdadeiramente a resposta por excelência da criação a Deus, bem como se pode reconhecer em que sentido ela o é, distinguindo-se da resposta de Cristo.

Primeiro, devemos prestar atenção à grande *diferença fundamental*: Cristo é *Deus*, pessoa *divina*, não uma pessoa *criada*. Esta pessoa divina “entra no mundo” no sentido de que Ela Se faz pessoa de uma natureza humana, um homem. Maria, ao invés, não é pessoa divina, é uma pessoa *criada*. Isto significa que ela não existia já antes de existir esta natureza humana individual (a sua alma e o seu corpo), como, ao invés, é o caso de Jesus. Maria não preexistia e então entrou no mundo. Ela começou a existir *no mundo*; é simplesmente *criatura* – a mais bela, a mais perfeita, a mais pura –, mas criatura. Cristo é Deus que assumiu como Sua uma natureza criada. Neste sentido, Ele Se fez uma criatura. Ele é uma criatura *segundo a Sua natureza humana*, enquanto Maria é simplesmente uma criatura, não somente segundo um determinado aspecto ou uma determinada dimensão do seu ser. Ela é propriamente *a criatura por excelência*, a criatura *pura* (somente, inteiramente criatura).

Esta diferença fundamental entre Cristo e Maria se manifesta em suas palavras. Quando Cristo diz: “Eis que *venho*”, há nisto a indicação do movimento da encarnação, do entrar no mundo (uma presença totalmente *nova* da pessoa divina no mundo!), do tornar-Se homem. Maria já *está* no mundo, começou a existir *no mundo*. Por conseguinte, ela se apresenta simplesmente na situação em que se encontra desde o início e neste determinado momento: “Eis aqui a serva do Senhor” – “Eis aqui a criatura do Senhor”.

Também na continuação das palavras se vê uma diferença característica. “Eu venho *para fazer a Tua vontade*”. Estas palavras exprimem a

---

<sup>13</sup> Sl 40,7-9, segundo a tradução grega (LXX).

obediência *ativa* de Cristo em relação a Deus Pai (“... para *fazer* a Tua vontade”). A resposta de Maria manifesta a característica da criatura pura – da pessoa que é inteiramente e somente criatura –, pois não diz: “eu quero fazer” ou “eu farei” a vontade de Deus, mas diz: “*faça-se* em mim segundo a tua palavra”. Estas palavras da santíssima Virgem manifestam muito bem a situação da pessoa *criada* diante do Senhor Deus, o *Criador*. A criatura, em primeiro lugar, deve *receber, deixar Deus agir, abrir-se* à ação de Deus. Isto está bem expressado pelas palavras de Maria: “*faça-se em mim*” (“*fiat mihi*”) o que Deus quer realizar. Aqui temos, portanto, a expressão apropriada da *passividade* fundamental na *atividade de acolher* a ação de Deus, a expressão do *receber* o dom divino.

Na resposta de Jesus se manifesta mais a *atividade* na passividade da obediência: “Eu venho para fazer a Tua vontade”. Ele vem para *fazer* uma coisa (a atividade!), não, porém, para fazer o que Ele quer, mas, sim, o que o Pai quer; Ele vem, portanto, para *obedecer* ao Pai. Ora, obedecer significa *acolher* em sua própria vontade realizadora a vontade de outra pessoa.

Considerando tudo isso, podemos talvez caracterizar a diferença entre Jesus Cristo, Deus encarnado, e Maria, a criatura perfeita, com as seguintes palavras: Cristo – *atividade passiva* ou atividade com passividade; Maria – *passividade ativa* ou passividade com atividade. Cristo é *Deus*, é, portanto – como diz a filosofia – *ato* puro (pura atividade), mas que assume a natureza humana com a sua característica da passividade ou receptividade, própria da criatura. Maria, ao invés, é somente e totalmente *criatura* e, por conseguinte, fundamentalmente *passividade, necessidade de receber* para poder operar (“fazer”).

Devemos considerar mais uma coisa. Para que Cristo pudesse dar a resposta a Deus Pai em nome de todas as criaturas, precisava *antes* da resposta de *Maria*, dada em nome de todas as criaturas. Por quê?

A resposta é a seguinte. Para que Deus possa *doar-Se* à Sua criatura, requer-se por parte da criatura a *acolhida*, o receber o dom divino.<sup>14</sup> Quando se trata de uma criatura que é *pessoa* e esta está em condições de usar o seu livre arbítrio (pressuposto o uso da razão), Deus quer que a acolhida do dom não seja meramente *passiva*, mas também *ativa*. O

---

<sup>14</sup> Evidentemente, quando não se trata deste doar-Se de Deus, mas de fazer existir a criatura e mantê-la na existência, com as capacidades próprias da respectiva natureza, não se requer tal acolhida.

exemplo mais claro e mais belo para esta verdade, nós o encontramos exatamente na encarnação do Filho de Deus no seio de Maria. O Filho de Deus quer ser concebido no seio da Virgem Maria. Ela vive constantemente e totalmente na atitude da criatura receptiva diante de Deus. Mas agora Deus quer doar-Se a ela ainda mais, de *outro modo*. São Gabriel Arcanjo lhe anuncia este dom divino. Maria reconhece o apelo divino e lhe *responde*. Esta resposta é um *receber ativo* do dom divino. *Ativo* é o *responder*, o consentir na ação divina; mas é consentir em *receber*: “Eis aqui a serva do Senhor (= a criatura que recebe como serva, obedecendo, conformando-se à vontade divina): faça-se em mim segundo a tua palavra”. “Faça-se em mim” – este é o *consentir* (ativo) em *receber* (passivo).

Na anunciação de São Gabriel à Virgem Maria se unem, portanto, o “sim” de Maria e o “sim” de Cristo, a resposta da *criatura* – a representante de todas as criaturas diante de Deus – e a resposta do *Deus encarnado* a Deus Pai. Também Cristo responde já em nome de todas as criaturas, sobretudo dos homens, mas a Sua resposta *pressupõe* o *dom* que Ele faz de Si às criaturas, ou melhor, *à criatura por excelência*, Maria. E para realizar este dom de Si à criatura, *requer-se a resposta da mesma* (acolhida livre). Maria, por sua vez, tinha recebido a *graça* de poder dar esta resposta; já a tinha recebido *em vista dos méritos de Cristo Redentor*, isto é, em vista da resposta que Cristo, seu Filho, iria dar a Deus Pai em nome de todos os homens.

Vimos, portanto, como a resposta de Cristo e aquela de Maria estão estreitamente unidas. Igualmente vimos que a importância e a centralidade da resposta de Cristo ao Pai não diminuem, de modo algum, a importância e a centralidade da resposta dada a Deus por Maria, como a criatura mais perfeita.

A resposta de Maria é a resposta por excelência, dada a Deus por parte de uma pessoa criada e em nome de todas as criaturas. “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra”. Esta é a resposta *válida*, a única válida, que Maria deu *em nome de todas as criaturas*. É a *única* válida, por ser o modelo perfeito da resposta de uma criatura a Deus.<sup>15</sup> Toda e qualquer resposta das outras criaturas deve, para ser válida, conformar-se à resposta de Maria.

---

<sup>15</sup> É interessante e significativo que a singularidade desta resposta se manifesta também na própria formulação da mesma. “Tal resposta é única em toda a Sagrada Escritura“ (P. SEEANER, *Eis aqui a serva do Senhor (Lc 1,38). A autodesignação de Maria e seu fundo bíblico* (5), em: *Sapientia Crucis* 17 (2016) 10.

Se considerarmos seriamente o que vimos a respeito de Maria como a criatura mais perfeita, como “aquela que recebe”, não há mais dificuldade em reconhecer a sua missão global como sendo a *resposta por excelência* de *todas* as criaturas a Deus. Assim, também se entende a posição de Maria no *plano* de Deus a respeito de *todo o universo das criaturas*. Ela está eternamente nos pensamentos de Deus como *a criatura por excelência*, como a Sua criatura mais perfeita, mais amada e mais pura, como a *Virgem Mãe de Deus Filho*.

Nathanael Thanner ORC

## Índice

<b>I. A essência da criatura – realizada mais ou menos perfeitamente.....</b>	<b>35</b>
<b>II. Maria, a criatura mais perfeita .....</b>	<b>37</b>
1. Maria – a criatura mais amada de Deus.....	38
2. Maria – a criatura mais pura .....	38
3. Maria – a criatura mais humilde .....	40
4. Maria – a criatura mais bela.....	40
<b>III. Maria, “aquela que recebe” .....</b>	<b>41</b>
<b>IV. Maria, a “Imaculada Conceição” .....</b>	<b>44</b>
<b>V. A criatura mais perfeita: uma mulher .....</b>	<b>48</b>
<b>VI. Maria, a resposta perfeita de todas as criaturas a Deus .....</b>	<b>49</b>